

O JAZZ

O jazz surgiu no período entre [1890](#) e [1910](#) em [Nova Orleans](#). Segundo a lenda a palavra jazz vem de jasm, uma redução de orgasm ([orgasmo](#)). Há quem diga que faz todo o sentido, pois o jazz seria como um orgasmo da alma, mistura influências tanto dos brancos quanto de negros, blues e ragtime (ritmo que lembra marchas), não é a toa que o ritmo tomou tanto o espírito de liberdade. As raízes remontam à música dos negros dos [Estados Unidos](#) desde a época da [escravidão](#) que data pouco antes de [1850](#). As maiores influências do jazz são o [blues](#), derivados das "canções de trabalho" dos negros (dos quais o jazz herdou principalmente o caráter espontâneo e de improvisado) e o [ragtime](#), música escrita, harmonicamente mais elaborada, uma "música erudita popular". Foi durante a [década de 1930](#), quando o jazz foi música popular, nasceu o estilo que ficou conhecido como [swing](#).

Na [década de 1940](#) nasce o [bebop](#) e depois o *hard bebop*. Esses gêneros, mais acentuadamente o segundo, são de pouco agrado aos ouvidos populares. Em contrapartida surge, então, o *cool jazz* com uma proposta mais intelectualizada e apreciada por uma gama maior de ouvintes.

Depois do domínio do *cool* e do *hard bebop*, surge o *free jazz* na [década de 1960](#) com elementos de composição atonais e arrítmicas e muita improvisação, foi uma fase bastante experimentalista do estilo.

Depois da fusão do [rock](#), do [funk](#) e outros estilos, com o jazz, chamada [jazz fusion](#) ou simplesmente [fusion](#), atualmente compõe-se de elementos eletrônicos caracterizando esse flacon estilo nos nossos dias. Os *samplers* e sequenciadores são utilizados na mistura do [drum'n'bass](#) e do [techno](#).

HISTÓRIA DO JAZZ

Nascido do *blues*, das *work songs* dos trabalhadores negros norte-americanos, do *negro spiritual* protestante e do *ragtime*, o jazz passou por uma extraordinária sucessão de transformações no século XX. É notável como essa música se modificou tão profundamente durante um período de apenas um século.

O termo jazz começa a ser usado no final dos anos 10 e início dos anos 20, para descrever um tipo de música que surgia nessa época em New Orleans, Chicago e New York. Seus expoentes são considerados "oficialmente" os primeiros músicos de jazz: a Original Dixieland Jazz Band do cornetista Nick LaRocca, o pianista Jelly Roll Morton (que se auto-denominava "criador do jazz"), o cornetista King Oliver com sua Original Creole Jazz Band, e o clarinetista e sax-sopranista Sidney Bechet. Em seguida, vamos encontrar em Chicago os trompetistas [Louis Armstrong](#) e Bix Beiderbecke, e em New York o histriônico pianista [Fats Waller](#) e o pioneiro bandleader Fletcher Henderson. Em 1930 o jazz já possui uma "massa crítica" considerável e já se acham consolidadas várias grandes orquestras, como as de [Duke Ellington](#), [Count Basie](#), Cab Calloway e Earl Hines.

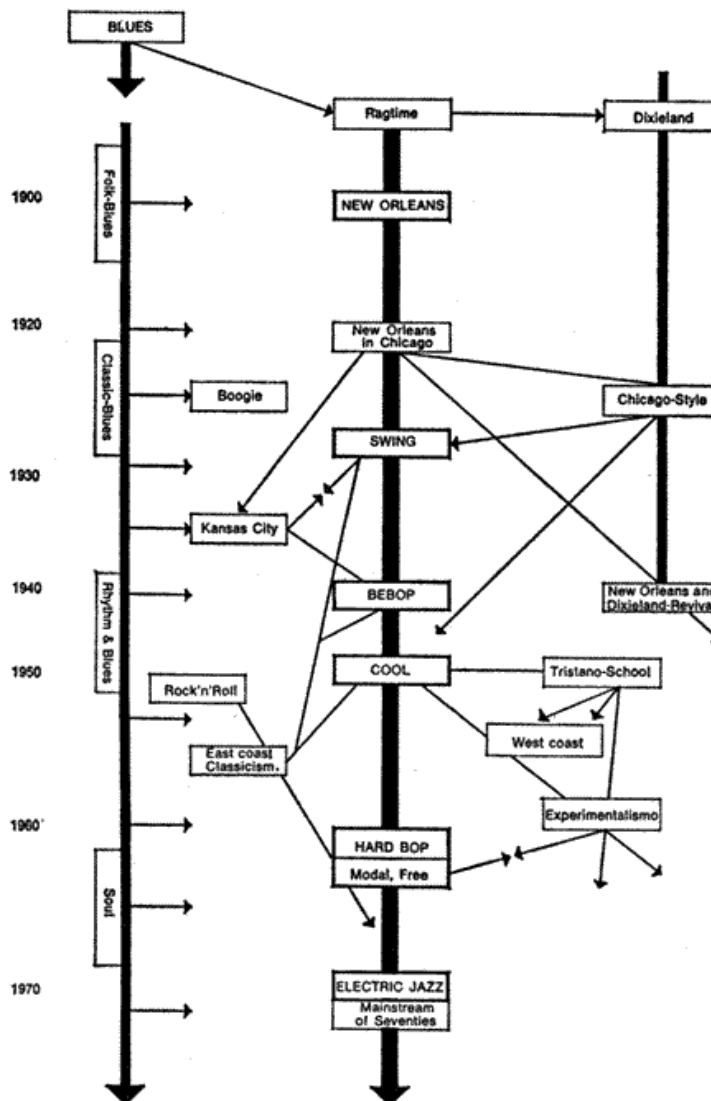
A evolução histórica do jazz, assim como da literatura, das artes plásticas e da música clássica, segue um padrão de movimento pendular, com tendências que se alternam apontando em direções opostas. Em meados dos anos 30 surge o primeiro estilo maciçamente popular do jazz, o [swing](#), dançante e palatável, que agradava imensamente às multidões durante a época da guerra. Em 1945 surge um estilo muito mais radical e que fazia menos concessões ao gosto popular, o [bebop](#), que seria revisto, radicalizado e ampliado nos anos 50 com o [hard bop](#). Em resposta à agressividade do bebop e do hard bop, aparece nos anos 50 o [cool jazz](#), com uma proposta intelectualizada que está para o jazz assim como a música de câmara está para a música erudita.

O [cool](#) e o bop dominam a década de 50, até a chegada do [free jazz](#), dando voz às perplexidades e incertezas dos anos 60. No final dos anos 60, acontece a inevitável [fusão do](#)

jazz com o rock, resultando primeiro em obras inovadoras e vigorosas, e posteriormente em pastiches produzidos em série e de gosto duvidoso. Hoje existe espaço para cultivar todos os gêneros de jazz, desde o dixieland até o experimentalismo free, desde os velhos e sempre amados standards até as mais ambiciosas composições originais para grandes formações. Mas qual seria o estilo de jazz próprio dos dias de hoje? Talvez o jazz feito com instrumentos eletrônicos - samplers e sequenciadores - num cruzamento com o tecno e o drum 'n' bass. Se esse jazz possui a consistência para não se dissolver como tantos outros modismos, só o tempo dirá.

Confira abaixo o diagrama da evolução do jazz, segundo apresentado por Joachim-Ernest Berendt em seu livro:

Jazz: do Rag ao Rock



ELEMENTOS DO JAZZ

Muito já se escreveu sobre a dificuldade de se definir o jazz. Uma corrente de pensamento afirma que o jazz não é *o que* se toca, mas sim *como* se toca. De qualquer modo, pode-se afirmar com certa confiança que dois elementos são absolutamente necessários numa *performance* de jazz: o swing e a improvisação.

Nenhuma apresentação ou gravação de jazz está completa se não contiver algum trecho improvisado. Uma peça de jazz 100% escrita e fixada na partitura é uma contradição - o que, diga-se de passagem, indica que peças como a "Suíte para Flauta e Piano de Jazz", de Claude Bolling, embora muito agradáveis de se ouvir, não são propriamente jazz. Fazer jazz significa assumir um risco - o risco de se confrontar com o silêncio e preenchê-lo com um discurso inédito e próprio, o risco de ser um "compositor instantâneo", como dizia [Charles Mingus](#).

O conceito de improvisação, em si, não apresenta grandes dificuldades para ser entendido, embora exija anos e anos de dedicação para ser posto em prática. Trata-se de tecer - em tempo real, no exato momento em que se está tocando - variações em torno de algo que serve de base: a linha de uma canção que serve de tema, uma sequência de acordes, alguns intervalos melódicos, uma tonalidade.

As variações têm uma longa tradição na música clássica ocidental: grandes compositores escreveram ciclos de variações, explorando até o limite o potencial de seus temas. Na Renascença já era habitual tomar como tema uma canção popular e fazer variações sobre ela. Isto era chamado na Inglaterra de *divisions on grounds* e na Espanha de *diferencias sobre bajos ostinados*. Os instrumentistas, que freqüentemente eram também compositores, competiam entre si, cada um tentando sobrepujar os rivais em virtuosismo e engenhosidade.

Assim como as variações, a improvisação não é uma invenção moderna. Bach era um improvisador de mão-cheia (e improvisava fugas, sendo que a fuga é a forma mais estruturada e complexa de toda a música!). Se Bach tivesse nascido no século XX, sem dúvida seria um jazzman... Na Renascença já havia o costume de se apresentar peças de caráter improvisatório e de forma totalmente livre, denominadas *fancies* (em inglês) ou *fantasias* (em espanhol), nas quais o executante dava largas à sua imaginação. Muitas dessas fantasias e coleções de variações foram registradas em partitura, e assim podemos reviver e apreciar, depois de séculos, ainda que sem a espontaneidade do momento, as "jam sessions" de outrora.

Definir o swing é algo muito mais difícil. Trata-se de algo que engloba o fraseado, o ritmo, o ataque das notas. O swing não se escreve numa partitura, por mais detalhada e precisa que seja a sua notação. A definição dada por André Francis, em seu livro *Jazz*, é bastante interessante: "tocar com swing, swingar, significa trazer à execução de uma peça um certo estado rítmico que determine a sobreposição de uma tensão e de um relaxamento". Esta é a dialética do swing, por assim dizer: dar flexibilidade a um ritmo, dar "balanço" a uma frase, e contudo manter a precisão, preservar o foco da música, evitando que ela perca o caráter incisivo.

Podemos usar uma analogia sugerida por [Charles Mingus](#) para caracterizar o swing: vamos partir de uma música na qual os tempos estão precisamente definidos. Em seguida delimitamos um "halo", uma pequena região ao redor da posição original de cada nota: a nota, agora, pode cair em qualquer ponto dessa região, a critério do executante. A música como um todo, portanto, oscila caprichosamente dentro dessas regiões de "incerteza". É importante que o âmbito dessas pequenas regiões não ultrapasse aquele ponto no qual o ritmo deixa de ser *swingado* para se tornar *impreciso*. Como se determina esse ponto? Os bons músicos de jazz têm uma intuição desenvolvida a tal ponto que mantêm esse jogo de precisão e imprecisão perfeitamente sob controle, o tempo todo - e o resultado, todos nós conhecemos: o deleite de escutar uma interpretação cheia de swing.

A **Acorde** - s.m. 1. Agrupamento de notas tocadas simultaneamente

Andamento - s.m. 1. A velocidade de execução de uma peça.

Arranjo - s.m. 1. A distribuição e ordem de execução do material sonoro de uma composição pelos diversos executantes. 2. Remontagem, com variados graus de liberdade, dos elementos de uma composição pré-existente, preservando a identidade da peça mas dotando-a de um caráter diferente.

Atonal - adj. 1. Que não obedece aos princípios da tonalidade

B **Beat** – [Inglês] 1. A pulsação básica de uma música.

Blues – [Inglês] Forma musical introduzida na música norte-americana no início do século XX, deriva das canções dos trabalhadores negros americanos (work songs). O blues constitui uma das estruturas essenciais do jazz. O blues possui uma estrutura praticamente inalterável de 12 compassos, assim constituídos: quatro compassos sobre o acorde de tônica (por exemplo, Mi Maior), dois compassos sobre o acorde de subdominante (no caso, Lá Maior), dois compassos sobre a tônica (Mi Maior), dois compassos sobre o acorde de sétima de dominante (Si com 7a) e finalmente dois compassos sobre o acorde de tônica (Mi Maior). No blues mais moderno e/ou elaborado, admitem-se certas liberdades harmônicas, por exemplo, nos acordes de passagem. As melodias do blues utilizam uma escala especial, derivada da escala maior, onde a terceira, a quinta e a sétima notas são abaixadas em meio tom (as chamadas blue notes).

Break – [Inglês] 1. Durante a execução de uma peça, momento em que todos os integrantes do conjunto param de tocar, exceto um deles, que executa um solo.

C **Cabeça** – s.f. 1. O início da frase musical correspondente ao tema. 2. O primeiro tempo de um compasso.

Chorus – [Inglês] Um percurso completo através da progressão de acordes de um tema.

Combo – s.m. 1. Conjunto menor do que uma

orquestra.

Compasso – s.m. 1. Unidade de organização rítmica de uma composição, composta por um número definido e usualmente pequeno de tempos. O compasso é delimitado na partitura por barras verticais. 2. Especificação, feita no início de uma partitura, por meio de um código numérico convencional, do número (2, 3, 4, etc) e do tipo de notas (colcheia, semicolcheia, semínima, etc) que os compassos irão comportar. O compasso especificado costuma permanecer fixo durante um período de tempo razoavelmente longo dentro de uma peça, porém na música mais moderna isso nem sempre ocorre.

Contraponto – s.m. [Do latim punctus contra punctum, nota contra nota.] 1. Encadeamento lógico de diferentes linhas musicais simultâneas. O contraponto se caracteriza por um processo de geração de novas frases musicais a partir de outras frases musicais, utilizando técnicas como a inversão (troca das notas graves por agudas e vice-versa), a retrogradação (cópia de uma frase de trás para a frente), e a transposição (elevação ou abaixamento de todas as notas de uma frase por um intervalo constante).

E Embocadura – s.f. 1. A posição da boca ao soprar o ar num instrumento de sopro.

F Forma – s.f. 1. A estrutura de uma composição musical. 2. O padrão de seções semelhantes e contrastantes que compõem a estrutura básica de uma peça. Entre as formas comuns no jazz incluem-se a estrutura de 32 compassos (8+8+8+8), como AABA ou ABAC; a melodia de 16 compassos; e o blues de 12 compassos.

Fusion – [Inglês] Estilo de jazz derivado do [jazz-rock](#), executado principalmente com instrumentos eletrônicos. Diferentemente do jazz-rock do final dos anos 60 e início dos anos 70, o jazz fusion caracteriza-se por uma aproximação com a música pop, e por ser baseado em um certo número de fórmulas comercialmente bem-sucedidas.

H Harmonia – s.f. 1. A combinação de notas em acordes e progressões de acordes. 2. Conjunto de regras práticas que regem a organização dos acordes de uma peça segundo os princípios da tonalidade.

I Improvisação – s.f. 1. Criação musical realizada no próprio momento da execução. A improvisação não é predeterminada nem codificada

previamente em partitura, exceto por uma melodia que serve de tema.

Introdução – s.f. 1. Uma seção que é executada antes da exposição do tema de uma peça. A introdução deve combinar com o tema que se lhe segue e pode ser usada para definir o caráter de toda a execução.

J **Jam session** – [Inglês] 1. Reunião informal de músicos para tocar entre si, com ênfase na improvisação, sem ter necessariamente a preocupação de tornar a execução comercialmente viável ou palatável para o grande público.

L **Loop, Looping** – [Inglês] A repetição contínua de uma frase musical, à qual outros materiais sonoros podem ou não ser superpostos. Trata-se de um procedimento comum particularmente na música eletrônica.

M **Mainstream** – [Inglês] Termo abrangente usado para fazer referência a todo o jazz excetuando-se o [free jazz](#) e o jazz-rock ou [fusion](#).

Modal – adj. 1. Que é baseado nos modos.

Modo – s.m. 1. Uma série de notas que deriva de uma escala básica, começando e terminando com uma nota diferente na nota de origem da escala, resultando em um conjunto diferente de intervalos e um centro tonal diferente, criando um estado perceptivo e psicológico diferente. Exemplo: o segundo modo da escala de Si Bemol Maior (Si Bemol, Dó, Ré, Mi Bemol, Fá, Sol, Lá, Si Bemol, etc) é o Dórico (Dó, Ré, Mi Bemol, Fá, Sol, Lá, Si Bemol, Dó).

Mute – [Inglês] 1. Surdina utilizada juntamente com [instrumentos](#) de sopro de metal.

N **Noneto** – s.m. 1. Conjunto musical formado por nove executantes. 2. Peça composta para essa formação.

O **Oitava** – s.f. 1. Intervalo de altura (frequência) entre uma nota e sua repetição doze semitons acima (ou abaixo). O intervalo de oitava corresponde à multiplicação (ou divisão) da frequência original da nota por 2.

P **Partitura.** - s.f. 1. Registro da música por escrito, usualmente em papel ou em documentos de formato eletrônico, utilizando-se uma notação especial e determinadas convenções de escrita.

Polifonia – s.f. 1. A superposição de duas ou mais

linhas melódicas, todas com igual importância relativa. A polifonia frequentemente se vale do contraponto.

Polirritmia. - s.f. 1. Simultaneidade de ritmos ou compassos contrastantes.

Politonal – adj. 1. Que é caracterizado por politonalidade.

Politonalidade – s.f. 1. Simultaneidade de diferentes tonalidades.

Q **Quarteto** – s.m. 1. Conjunto musical formado por quatro executantes. 2. Peça composta para essa formação.

Quinteto – s.m. 1. Conjunto musical formado por cinco executantes. 2. Peça composta para essa formação.

R **Ragtime** – [Inglês] Estilo de música norte-americana para [piano](#), muito popular no final do século XIX e início do século XX. O ragtime possuía caráter sincopado, não era improvisado, e era normalmente escrito em partitura. O nome vem do termo inglês ragged, que significa áspero, desigual, dissonante – como costumava ser o fraseado da mão direita sobre o teclado.

Ritmo – s.m. 1. O padrão de pulsação de uma peça musical. 2. Compasso (2).

S **Seção rítmica** – s.f. 1. Os instrumentos que, num conjunto de [jazz](#), são responsáveis pelo estabelecimento e manutenção do padrão rítmico da execução; convencionalmente, compõe-se de piano, contrabaixo e bateria.

Samplear – [Neologismo] v. 1. Ato de capturar e registrar digitalmente sons, frases musicais ou timbres sonoros, por meio de um sampler, com o propósito de manipulá-los e recombina-los.

Sampler – [Inglês] 1. Dispositivo capaz de capturar e registrar sons, frases musicais ou timbres sonoros em formato digital.

Scat singing, Scat – [Inglês] Modo de interpretação vocal em que o(a) vocalista emite sílabas sem sentido, em vez da letra da canção, atentando apenas para o valor fonético das sílabas e procurando imitar um solo instrumental.

Septeto – s.m. 1. Conjunto musical formado por

sete executantes. 2. Peça composta para essa formação.

Sequenciador – s.m. 1. Dispositivo capaz de registrar padrões sonoros em formato digital, e que oferece ferramentas para editar, modificar e recombinar esses padrões.

Sexteto – s.m. 1. Conjunto musical formado por seis executantes. 2. Peça composta para essa formação.

Síncopa – s.f. 1. A acentuação de contratempos, ou seja, os tempos fracos do compasso, criando um efeito de surpresa no ouvinte.

Sincopado – adj. 1. Que é caracterizado por síncopa.

Solo – s.m. 1. Execução de uma peça musical ou parte de uma peça por um único instrumento. 2. Execução de uma peça musical ou parte de uma peça musical por um instrumento em destaque, acompanhado por outro(s). 3. Seção de uma peça em que um executante improvisa sobre o tema, sozinho ou, mais freqüentemente, acompanhado por outros instrumentos.

Standard – [Inglês] 1. Canção popular já consagrada e familiar ao público, usada com tema para uma execução jazzística. 2. Canção que ao longo do tempo veio a fazer parte do repertório padrão (em inglês, standard) do jazz. Certos compositores escreveram diversas canções que se tornaram standards: por exemplo, George Gershwin, Richard Rodgers, Oscar Hammerstein.

Swing – [Inglês] 1. Modo de execução musical tipicamente jazzístico, no qual as notas têm sua duração ligeiramente reduzida e seu ataque efetuado fora do tempo por um fator quase imperceptível, resultando em um significativo aumento da flexibilidade e vitalidade da música. 2. Propriedade de uma execução jazzística individual ou coletiva que produz um tipo característico e bem conhecido de resposta psicológica e muscular no ouvinte, que no entanto desafia definição precisa. 3. Estilo de [jazz](#) popular nos anos 30 e 40, caracterizado por arranjos muito bem elaborados para grandes orquestras.

T Tema – s.m. 1. Melodia que é usada como base de uma execução jazzística.

Tempo - s.m. 1. Unidade de duração dentro do

compasso. 2. Andamento.

Tessitura – s.f. 1. O intervalo de altura (frequência) que existe a nota mais grave e a nota mais aguda de uma frase ou de uma peça musical. 2. O intervalo entre a nota mais grave e a nota mais aguda que podem ser emitidas por um certo instrumento.

Tonal – adj. 1. Que obedece aos princípios da tonalidade.

Tonalidade – s.m. 1. Acorde fundamental que funciona como centro de atração harmônica de uma frase ou composição musical, e que define certas progressões-padrão de acordes. 2. Conjunto de princípios que governam a organização harmônica do material sonoro segundo conceitos como consonância, escalas maiores e menores, e cadências; harmonia tonal.

U **Uníssono** – s.m. 1. Escrita ou execução de uma frase musical de maneira exatamente idêntica por dois ou mais instrumentos, na mesma tonalidade e na mesma oitava.

V **Virtuose** – s.m. 1. Instrumentista que possui técnica altamente desenvolvida e profundo domínio dos recursos de seu [instrumento](#).

Fonte:

<http://www.ejazz.com.br/ojazz>